



## **EDITORIAL**

### **EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ECOLOGIA DE SABERES E BEM VIVER: DIÁLOGOS E ENTRECruzAMENTOS**

“Os brancos dormem muito, mas só conseguem sonhar com eles mesmos.”

(Davi Kopenawa, A queda do Céu, 2015)

Na década de 1980, Frijot Capra já nos chamava a atenção para o fato de a crise ambiental ser, na verdade, uma crise de percepção provocada pelo avanço de um cartesianismo e mecanicismo a serviço do capital. A marcha messiânica do projeto da Modernidade, materializado pelo capitalismo tardio do século XX, provocou e se constituiu a partir de grandes rupturas nas formas de viver e produzir mundos pré-capitalistas. A Educação Ambiental, especialmente aquela que se forjou na América Latina nas últimas décadas, pode ser entendida como uma resposta às ruínas deixadas pelos cinco séculos de poder colonial. Embora diversa, a Educação Ambiental Latinoamericana é marcada por um caráter popular, emancipatório e protagonizada por movimentos e comunidades em luta por outros mundos possíveis.

Mais recentemente, a bandeira do Bem-Viver, tradução para o Sumak Kawsay de origem quéchua, tem sintetizado e aglutinado as diversas trajetórias de luta e esperanças de povos indígenas, comunidades tradicionais e movimentos sociais do campo e da cidade de nossa Abya Yala. A construção do Bem-Viver, por sua vez, está assentada nos saberes e sabedorias tradicionais de nossos povos. Assim, uma Educação Ambiental comprometida com a diversidade biocultural e a construção do Bem-Viver necessita estar atenta à tarefa urgente e permanente de descolonização do ser, do saber e do poder em nosso continente. É a partir dessa inquietação que esse dossiê se propõe a reunir reflexões em torno de caminhos epistemológicos e metodológicos para uma Educação Ambiental que, enraizada no chão de nossa história, lance as sementes de outros futuros possíveis.

“Diversidade”. Essa pode ser considerada a palavra que sintetiza o que os leitores e as leitoras encontrarão nos textos deste número temático, que reúne treze artigos selecionados. Textos diversos, ricos e vivos como a natureza e os mundos outros que seus autores e autoras ousam sonhar e propor com criatividade, boniteza e esperança. Diferentes de tantas formas, mas dialogáveis de modo ímpar por que se unem com generosidade à complexa trama dos debates da educação ambiental, respondem com coragem ao convite-desafio de discutirem as questões socioambientais de modo integrado e aberto.

## **Editorial - Educação Ambiental, Ecologia de Saberes e Bem Viver: diálogos e entrecruzamentos**

Elaborados por educadores e educadoras ambientais com trajetórias plurais, que colaboraram para a composição de um colorido mosaico de pensamentos e práticas, os artigos apresentam relatos de pesquisas acadêmicas e/ou de experiências docentes vividas por profissionais da Educação Básica e/ou Ensino Superior, assim como também por estudantes de graduação e pós-graduação. Vindas de variadas partes do Brasil, da Colômbia, da Costa Rica e da Espanha, os manuscritos que plasmaram esse dossiê acreditam na construção de novas realidades socioambientais, com justiça, paz, vida e liberdade abundantes para todos os seres vivos.

O primeiro texto, **Educação intercultural indígena no âmbito do (des)arraigamento ecológico** de Alexandre Martins de Araújo e Carlos Abs da Cruz Bianchi, abre o número temático investindo em uma densa discussão socioecológica que nos leva a (re)pensar com atenção a construção de práticas que conduzam à produção e à valorização das memórias bioculturais, especialmente para promover a atenção aos saberes tradicionais indígenas diante do atual cenário social que atua no silenciamento e no esquecimento destes.

Em seguida, Angélica Cosenza, Camila Neves Silva e Emanuelle Tavares Barreto dos Reis, autoras de **Dimensões educativas da agroecologia escolar: potencialidades através do encontro entre agricultores/as e professoras** nos brindam com um esperançoso relato de experiência que demonstra como ouvir, conhecer e partilhar saberes com agricultores e agricultoras pode representar vivências de formação docente significativas, inclusivas e críticas, orientadas para uma educação ambiental que fomente as lutas ecológicas.

Trazendo uma contribuição sensível e interlocução com uma linda literatura, Daniel Ganzarolli Martins e Shaula Maíra Vicentini de Sampaio apresentam em **Sentipensar uma pesquisa em educação ambiental com a literatura de Eduardo Galeano** uma densa narrativa sustentada pela obra literária do escritor uruguaio que evidencia o quanto as linguagens e as artes podem ser potentes para *sentipensar* e matizar a pesquisa em educação ambiental.

Também apostando em uma narrativa sensível e carregada de poesia, **Pode a Natureza falar? Perspectivas para uma educação ambiental multiespécie** de Emmanuel Duarte Almada e Bruno Venancio provoca o campo da educação ambiental a conversar com os estudos antropológicos de maneira simbiótica a partir da defesa de uma educação ambiental multiespécie que rompa radicalmente com o antropocentrismo.

Partindo de outro *loci* de enunciação, mas convergindo na defesa em prol da relevância de se conhecer, considerar e valorizar a biodiversidade de diferentes formas, Ingrid Tatiana Rubiano Cardona, Paola Andrea Berjan Bahamón, Ledy Tatiana Reyes Valderrama, Julio Cesar Gonzáles e Elias Francisco Amórtegui Cedeño apresentam em **¿Conocen los estudiantes sobre la importancia ecológica de los artrópodos en los ecosistemas? Un estudio en el sur de Colombia** reflexões pertinentes ao ensino de ecologia e à educação ambiental escolar para discutir lacunas e invisibilizações sobre o papel ambiental dos artrópodes no sul colombiano.

Indo da Colômbia ao Rio de Janeiro, Filipe Porto, Marcelo Côrtes e Natália Rios apresentam uma instigante experiência no texto **A implantação da composteira e da horta no Colégio de Aplicação da UFRJ: uma construção multidisciplinar** que evidencia como recursos pedagógicos usualmente valorizados pela educação ambiental nas

## **Editorial - Educação Ambiental, Ecologia de Saberes e Bem Viver: diálogos e entrecruzamentos**

escolas podem ser disparadores de reflexões críticas e, inclusive, fomentar conversas entre diferentes disciplinas.

Ainda no escopo escolar, porém calibrando o olhar para outro público, Alenilda de Oliveira Fernandes e Maria do Socorro da Silva Batista argumentam em **Educação infantil e educação ambiental: uma relação necessária na formação humana** pela relevância do trabalho socioambiental com crianças, mirando as contribuições que as práticas de educação ambiental proporcionam ao desenvolvimento infantil.

Unindo-se aos textos que se buscam pensar e propor em abordagens didáticas lúdicas e criativas, o texto **¿Cómo contribuye el cómic en la enseñanza de la ecología de los insectos en educación secundaria en Palermo, Huila?** de Mairani Meñaca, Elías Francisco Amórtegui Cedeño, Julio Cesar Gonzalez e Luis Fernando García oferece uma potente reflexão para o trabalho pedagógico com as temáticas ambientais focalizando os insetos, um tipo de fauna pouco carismática, em sala de aula.

Dentro da seara dos debates sobre abordagens didáticas da problemática ambiental e dialogando com as tecnologias de informação e comunicação, **Desdobramentos pedagógicos da utilização do Instagram para a promoção da educação ambiental** de Laís Machado de Souza e Roniel Santos Figueiredo contribuem com mais um interessante e criativo aporte para o trabalho pedagógico.

Por sua vez, João Henrique de Oliveira Fernandes e Marina Assis Fonseca em **Quintal como espaço educativo: diálogo de saberes sobre as plantas na escola** suscitam uma reflexão pedagógica sobre saberes populares relacionados ao uso das plantas em quintais e propõe a construção de pontes entre esses espaços e as escolas para ampliação dos processos de ensinar e aprender.

Retomando as reflexões sobre a formação de professores, debruçando-se especialmente sobre as dimensões dos afetos e das emoções, Diego Armando Retana Alvarado, Bartolomé Vázquez-Bernal, María Ángeles de las Heras Pérez e Roque Jiménez-Pérez contribuem com o artigo **Las causas del cambio emocional en el clima de aula desde la hipótesis de la complejidad**, que evidencia como as discussões atuais da Didática, contextualizadas nas discussões sobre o espaço reservado aos sentimentos nas salas de aula, podem caminhar juntas à mobilização em prol de práticas de educação ambiental.

Também mirando outras interfaces com a educação ambiental, temos o ensaio teórico **Educação do campo, educação ambiental e movimentos sociais: interseções e atravessamentos em debate**, onde Augusto César Cardoso Mendes, Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba e Maria Jacqueline Girão Soares de Lima dialogam com as questões do campo compartilham pontes com os debates socioambientais para propor práticas de educação ambiental interseccionais e ecossocialistas rumo à defesa da justiça ambiental e alinhadas aos movimentos sociais do campo.

Encerrando o número temático, Pâmela Vieira Nunes, Patrícia Giraldo e Suzani Cassiani apresentam em **Decolonialidade na educação em ciências: o conceito de Bem Viver como uma pedagogia decolonial** valiosas reflexões que inspiram e contribuem para a promoção de práticas de educação em ciências em perspectiva decolonizadora. A partir de um sensível e rico relato de pesquisa junto à Educação de Jovens e Adultos, interlocuções preciosas são estabelecidas com debates que precisam ser enfrentados para permitirmos que novas epistemologias sejam cultivadas em nossas salas de aula, contribuindo assim para a superação da violenta hegemonia eurocêntrica.

## **Editorial - Educação Ambiental, Ecologia de Saberes e Bem Viver: diálogos e entrecruzamentos**

Por fim, junto aos nossos votos de boa leitura, estimamos que todos os leitores e leitoras sigam com saúde, força e coragem para que atravessem bem o cenário socioambiental tão duro e complexo que vivenciamos no mundo inteiro, mas que assume um caráter trágico especialmente no Brasil. Também registramos nossos profundos agradecimentos ao corpo de pareceristas, formado por mestres e doutores docentes da Educação Básica ou do Ensino Superior de diversas regiões do Brasil, da Argentina, da Colômbia e da Costa Rica, que contribuíram ao longo dos processos de avaliação, seleção e revisão dos artigos de forma solícita, solidária e generosa. Oxalá os textos desse dossiê cultivem em nós a capacidade de sonhar, não com nós mesmos, como denunciado por Davi Kopenawa. Que nossos sonhos nos reconectem com os saberes e as memórias de todos aqueles e aquelas – humanos, pássaros, árvores, fungos e espíritos – que também sonham e constroem teimosamente o Bem Viver.

Emmanuel Duarte Almada<sup>1</sup>,

Rodrigo Cerqueira do Nascimento Borba<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Biólogo pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Ambiente e Sociedade pela Universidade Estadual de Campinas. Coordenador do Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais, Departamento de Ciências Biológicas, Universidade do Estado de Minas Gerais. ORCID 0000-0001-7239-7551, *e-mail*: emmanuel.almada@uemg.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade do Estado de Minas Gerais. Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador associado ao Kaipora – Laboratório de Estudos Bioculturais. ORCID 0000-0002-4504-5793, *e-mail*: rodrigo.borba@uemg.br